



Nuno Costa Santos

# Vai longa a vida e escrevo

“Vai Longa a Vida”. É assim que se inaugura “Os Nós do Tempo”, de Vasco Pereira da Costa, apresentado há dias na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, no contexto do Arquipélago de Escritores.

O autor celebra um percurso de 50 anos da melhor forma: renovando-o com um novo gesto literário, editado pela Palimage. Com um novo livro de poemas inaugurado com um poema chamado “A Maçã Verde”. A maçã verde que, depois vem a saber-se, pode ser a maçã verde de “O Filho do Homem”, o quadro de Magritte.

Entendo aqui a maçã verde como um recomeço. Não está ali uma maçã madura ou avelhantada. É uma maçã verde, colhida na árvore da vida. (Remete-me para um poema de “Campo”, Tarte de Maçã, que acaba assim: “inda está verde o poema/vou fazer tarte de maçã”).

O poeta, entre referências mitológicas, arrisca a sua intenção: “Busco a empolgante harmonia das palavras turbulentas/ que sobrevivem nas raias do silêncio”. E, nesse esforço, começa a ouvir o “murmúrio órfico dos versos animados e corajosos na folha de papel”.

Bruscamente o estranho passado reaparece “moldado em pretérito arrogante perfeito”, “ordenando palavras maliciosas num véu de bruma”.

Mas não é isso que o faz sucumbir.

Porque o poeta, que é como quem diz o escritor, tem uma arma poderosa: a de transfigurar o passado a seu jeito e de o arrumar num poema, purgado de todas as suas impurezas e perfídias.

E, depois de terminada essa tarefa de sacudir as maldades do tempo, pode dormir tranquilo.

O autor como guerreiro estoico que vence as agruras inventando a memória.

É essa a vingança da literatura.

O escritor, dado a vulnerabilidades, tinha de ter uma forma de se vingar.

Escrever é uma forma de ultrapassar o bullying persistente da vida, para, por um momento, trazer

o poema ao dicionário dos dias, destes dias.

Escrever é uma forma de “desmentir o tempo e profanar a morte”.

Desafiar a morte escrevendo.

Escrevendo e amando.

Porque, como lembra em “Oikós”, o amor e a casa permitem a suspensão do tempo.

“Só as casas explicam que exista uma palavra como intimidade”, escreveu outro poeta, Ruy Belo. É nessa intimidade doméstica que o poeta se recria.

Outro tempo suspenso insinua-se nestes poemas. Um tempo suspenso que já não é fruto do gesto literário mas sim o tempo suspenso por uma pandemia que nos forçou ao confronto com os nossos enigmas.

Esse tempo também merece o confronto, o motim organizado por um verbo rebelde que celebra “aromas coloridos na primavera engenhosa” e “sóis fecundos no verão radiante”.

Porque tudo serve para celebrar a vida. Da mitologia grega aos salmos cristãos, passando pela vontade de não se submeter aos deuses e ao destino. A insubmissão é uma marca de Vasco Pereira da Costa.

“No passado que foi instante/ aos setenta sou o fui/ e assim continuo sendo em modo/ e em tempo gerundial”. Que entrada perfeita esta, com um traço pessoano.

Claro que este é um livro sobre a memória. Não uma memória que paralisa e deprime. Uma memória que reaviva.

Os dias não têm nervo, as cidades estão a perder o viço e então o poeta recorta “os céus os mares as terras”.

E projecta-os na lembrança.

Não será uma lembrança à Rui Knopfli, que obscurece irremediavelmente o presente onde, como diz num verso que dá título a uma colectânea recente da lírica do autor de “O País dos Outros”, “já nada tem encanto”.

Há encanto. Mas dá trabalho persegui-lo. E há pedras no meio do caminho, para trazer Carlos Drummond de Andrade.

Eis que chega o ciclo da pedra neste livro. Poemas sobre pedras, pedras que se amansam e iluminam, pedras que sangram poesia.

Pedras que são convocadas por referências maiores como Bob Dylan.

Pedras “onda a vida se prolonga e conclui”.

E há Angra.

Cidade-natal do poeta que lhe merece a melancolia que nos merece um paraíso perdido.

Hoje os versos naufragam e os peixes perderam as palavras e emerge ou a evocação de uma Angra mítica de “destroços, aventuras, fantasmas, feitiços” ou o chão da cidade da infância, recuperado com a candura com que se olha o mundo nos dias primeiros.

Vem à memória uma outra cidade.

Vasco senta-se num banco da Praça Velha, cerca os olhos e vê uma urbe de carros de praça, com choferes de praça, de lojas, engraxadores, músicos, contorcionistas.

E chega também, em conversa com o poeta brasileiro Manuel Bandeira, aquele que ensinou tantos a tratar a poesia por tu, a primeira namorada, “graciosamente pequenita no seu vestidinho cinzento”, que morava na Rua de Jesus. E também, em conversa com o leitor, em modo de partilha entre dois, uma pessoa que imaginamos personagem, Dona Aurora de Abreu, com a sua píxide, de quando em quando exibida, a dar palco a um sátiro despudorado e a uma mulher despida, muito pudoradamente tapada com fita adesiva.

Sob o ponto de vista da forma, há, neste livro, uma rara qualidade. Uma oficina capaz de esculpir os melhores versos. Uma preocupação métrica, uma ocasional rima que nada força.

Ao tom guerreiro junta-se uma sombra sempre vigiada por uma prudente ironia.

A vida vai longa mas há sempre a escrita.

## SPEA promove voluntariado científico de 15 de Outubro a 15 de Novembro

A Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA) volta a associar-se à campanha SOS Cagarro do Governo dos Açores e promove voluntariado científico no resgate destas aves de 15 de Outubro a 15 de Novembro, na marina e porto de Vila Franca do Campo. A organização irá também desenvolver algumas iniciativas para convidar a desligar e reduzir luzes para facilitar a saída em segurança das aves juvenis.

Com o início, já este mês, de mais uma Campanha SOS Cagarro - uma iniciativa do Governo dos Açores - a SPEA junta-se uma vez mais às campanhas de resgate de cagarros acidentados e apela ao combate da poluição luminosa na Região Autónoma dos Açores.

Em São Miguel, a SPEA convida a comunidade a juntar-se a esta causa, apelando à inscrição de voluntários nas

brigadas de resgate na marina e porto de Vila Franca do Campo, de 15 de Outubro até 15 de Novembro através do site do Centro Ambiental do Priolo (www.centropriolo.com). Para além de ajudarem a salvar estas aves emblemáticas dos Açores, os voluntários poderão assistir às sessões de anilhagem e recolha de dados biométricos e receberão um diploma de participação nas brigadas.

Só no ano passado foram resgatados em Vila Franca do Campo mais de 600 cagarros, patrulhada várias vezes durante a noite. É graças aos voluntários que este trabalho se torna possível todos os anos, contribuindo para que a ave marinha mais abundante dos Açores possa continuar a prosperar no nosso arquipélago, onde cerca de 75% da sua população mundial nidifica.

A SPEA pretende, ainda, sensibilizar

a comunidade para a problemática da poluição luminosa e os seus impactos na biodiversidade, promovendo, junto das autarquias, o desligar e redução de luzes para reduzir os riscos de queda de cagarros em vias públicas e em casas particulares.

Assim sendo, para dar início às brigadas de resgate em Vila Franca do Campo, a SPEA irá realizar uma palestra de sensibilização sobre as aves marinhas dos Açores e os desafios que enfrentam devido à poluição luminosa, e convida os participantes para um percurso nocturno com a observação *in loco* das luminárias presentes nas áreas-alvo de resgate, e de seguida a participação nas brigadas que se irão realizar nessa noite. A sessão de sensibilização irá ter lugar no dia 15 de Outubro pelas 19h00, na sede da Terra Azul, na marina de Vila Franca do Cam-

po.

Ainda, em colaboração com a artista Ellie Ga e a associação Anda e Fala, que já acompanhou estas brigadas no ano passado, será repetida a performance “Notes for a cagarros Assembly” no Centro Cultural de Vila Franca do Campo no dia 3 de Novembro pelas 19h.

As brigadas de resgate dinamizadas pela SPEA em Vila Franca do Campo contam com o apoio do Parque Natural de Ilha de São Miguel e a contribuição do Clube Naval de Vila Franca do Campo e das empresas marítimo-turísticas Terra Azul e Futurismo.

Estas brigadas são possíveis graças aos projectos do Centro Ambiental do Priolo como Centro Associado de Ciência da RECCA 2030 (Mês da Ciência), MAC Interreg EELABS - Energy Efficiency Laboratories e LIFE Natura@night.